

Jornalismo cultural e aproximações com o desenvolvimento local¹

Mariana Ferreira REIS²
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

O artigo é fruto de investigação de doutorado que buscou, a partir de pesquisa qualitativa e exploratória, verificar novas formas de organização de trabalho dos jornalistas culturais que atuam em mídia independente, nos estados de Pernambuco e da Bahia. A partir de entrevistas semiestruturadas e em profundidade com integrantes de grupos jornalísticos culturais nos dois estados, foi possível aferir a criação de novos postos de trabalho na área; a percepção do profissional também como gestor da comunicação; o papel de políticas públicas para a sustentabilidade desses grupos e a articulação de parcerias com ONGs, universidades e outros grupos de mídia independente, permitindo atuação em rede, um dos indicadores do desenvolvimento local.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo cultural; desenvolvimento local; ONGs.

Apresentação:

Este artigo é fruto de tese de estudo doutoral que nos permitiu compreender algumas das novas formas de organização de trabalho dos jornalistas culturais que atuam em mídia independente, nos estados de Pernambuco e da Bahia, na Região Nordeste do Brasil. O que nos moveu, nesta investigação, foram as pistas de profundas transformações [no mundo do trabalho do jornalista contemporâneo, refletindo-se não só nas práticas, mas na autonomia, na sustentabilidade, nas relações de comunicação e nas condições de produção. Foram analisados três revistas culturais digitais (Revista Outros Críticos, Revista O Grito! e Revista Gambiarra) e três portais de Internet (Portal Iteia, Portal Correio Nagô e Portal SoteroPreta), perfazendo ambos os estados.

Foi possível verificar a hipótese de que, muitas vezes, há a precariedade das condições de produção (FIGARO, 2018), mas também foi possível perceber a criação de novos postos de trabalho na área; a percepção do jornalista também como gestor da

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local, no XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPE. E-mail: paramarianareis@gmail.com.

comunicação e produtor cultural; o papel de políticas públicas para a sustentabilidade desses grupos e a articulação de parcerias com ONGs, universidades e outros grupos de mídia independente, permitindo atuação em rede, um dos indicadores do desenvolvimento local.

Dentre as novas funções desempenhadas estão, em especial nestes grupos estudados, o papel de produtor cultural – escrevendo, gestando e gerindo projetos, produzindo livros, lançamentos, eventos e festivais – e o de gestor da comunicação, uma vez que se faz preciso *aprender a empreender*, a liderar equipes, a gerir com autonomia o seu próprio tempo de trabalho, a lidar com as finanças e com a contabilidade, a planejar em curto, médio e longo prazo a viabilidade para que aquele grupo permaneça existindo.

Jornalismo cultural, cooperação e *senso de comunidade*:

A partir da análise dos seis grupos descobrimos que, mais do que jornalismo, compete a esse jornalista dominar também o campo da gestão em comunicação. Ao mesmo tempo, são revelados, nos discursos desses jornalistas, os limites e as possibilidades técnicas e éticas de se gestar e dar materialidade a um jornalismo no qual acreditam, a partir de seus princípios, crenças e valores (MORETZSOHN, 2007).

Interessante ressaltar aqui que trabalhamos com o conceito de jornalismo cultural a partir de Piza (2003), no entendimento em que é um ramo do jornalismo voltado para análise crítica cultural em áreas como música, teatro, dança, artes visuais e outras expressões artísticas em geral, bem como matérias de cobertura jornalística, entrevistas, perfis de artistas e reportagens em profundidade, no tocante aos principais gêneros jornalísticos abordados por esse ramo jornalístico.

Nesse sentido, trata-se de um tipo de jornalismo que se afasta das chamadas *hard news*, notícias *duras*, *quentes*, do cotidiano geral das ruas, ao mesmo tempo em que permite um trato mais acurado e mais tempo de desenvolver as pautas. Isso coaduna com muitas das práticas jornalísticas dos grupos produtivos, voltados para produção jornalística com mais tempo de pesquisa e apuração, na proposta de experimentação e inovação das narrativas e práxis do jornalismo independente realizado nos moldes contemporâneos (TRAQUINA, 2005; 2016).

Todos os grupos estudados na pesquisa se intitulam veículos de jornalismo cultural, exceto o Portal Correio Nagô, que trabalha uma gama de temáticas mais ampla dentro do espectro das pautas de mídia étnica, porém com ênfase nas pautas culturais:

O slogan do Correio Nagô é “Informação do seu jeito”. A gente quer realmente levar informação mais próxima possível da comunidade negra, das pessoas que para a gente são as mais violadas no direito à comunicação... que interesse a essa comunidade, que elas entendam e que se apropriem dessa informação. Então, *a gente fala do seu jeito porque pode ser produzido pela própria comunidade ou que chegue para ela de uma forma que ela entenda, usufrua, se empodere dessas informações*. Então é essa temática nossa... a gente tenta englobar os vários temas sociais, políticos, interacionais, mas trazendo para o nosso olhar, para o nosso diálogo.

A gente faz muita pauta de cultura, dos artistas. Antes do Rap está aí tocando e sendo trilha de novela, a gente já pautava os artistas do Rap, Hip Hop, Bloco Afro, Samba. Nossas pautas são essas. Obviamente, a gente fica muito feliz quando nossos artistas entram no *mainstream*, na cultura de massa, e a gente vai fazer sobre eles, sim. O novo disco de Beyoncé, o novo clipe de Jay-Z, mas a gente também está muito interessado nesses artistas ainda independentes, ainda da cena chamada alternativa, mas que têm uma relevância muito importante para as causas sociais, para a política

A gente tem muita pauta reivindicatória, de crítica, de denúncia do racismo, dos casos de violação. (...) A gente tem pautas como essas reivindicatórias, mas a gente tenta também fazer as pautas positivas. *A área cultural é muito rica em pautas que elevam a nossa autoestima, que eleva o nosso orgulho, a nossa consciência* (**depoimento extraído de entrevista concedida à pesquisadora em 11 de janeiro de 2019, grifos nossos**).

A ênfase na cobertura – porém não factual – de temáticas ligadas a jornalismo cultural também está evidenciada no discurso da informante do Portal SoteroPreta:

A gente só publica conteúdos relacionados à cultura negra em Salvador e Região Metropolitana. Nós temos várias categorias: religião, gastronomia, música, artes visuais, audiovisual, teatro, dança, várias categorias na área da cultura. Todas as matérias giram em torno desses gêneros apenas. Eu não faço matéria de cunho social, nem de factual. Só relacionado à cultura mesmo (**depoimento extraído de entrevista concedida à pesquisadora em 17 de abril de 2019**).

Os discursos dos informantes também revelam tensões quanto ao termo *empreendedorismo*, pela relação direta a um conceito ligado ao *stablishment*, ou seja, à manutenção das estruturas de poder. No entanto, embora o termo seja rejeitado pela maioria – apenas uma das entrevistadas utiliza o mesmo de forma mais habitual –, ele é utilizado mais comumente não como um sinônimo de ser um negócio ou empresa, mas como diversas formas de produzir, de fazer projetos e produtos que viabilizem a sustentação e a sobrevivência dos grupos em si.

Mesmo não-sindicalizado – caso de cinco entre seis de nossos entrevistados – o jornalista se organiza em redes, *co-working*, parcerias (como intercâmbios, premiações e

projetos coletivos), novas formas de trabalho colaborativo e, até mesmo, em cooperativas³, que é a experiência do Portal Itéia a partir da plataforma Eita⁴.

Assim, esse ambiente de *cooperação* entre os pares pode apresentar, menos concorrência, uma exigência do capital, e mais um *senso de comunidade*. E aqui, podemos recuperar o sentido de comunidade (BAUMAN, 2003; PAIVA, 2003) em que técnicas, tecnologias e habilidades dos diferentes participantes dos grupos possam ser realocadas para que todos possam melhor trabalhar e viver, fortalecendo os grupos como um todo e gerando uma cadeia produtiva.

Parcerias com universidades, acesso à formação e experimentação:

Além das colaborações entre os pares, apontam-se, neste estudo, as parcerias com as universidades como estímulo tanto para o surgimento (a partir de grêmios estudantis, diretórios, disciplinas, projetos de extensão e de iniciação científica, laboratórios de redação e de criação, intercâmbios), quanto para o aprofundamento na compreensão do fenômeno, a partir das pesquisas, ações que tanto auxiliam na sustentação dos grupos quanto retroalimentam a criação de novos, a partir de proporcionar ser a universidade o espaço propício para a experimentação de *modos de fazer* para estudantes e novos jornalistas.

Com isso, os grupos não dependem da universidade para existir e produzir, mas, a partir do acesso a esse espaço de produção de saberes, pode permutar conhecimentos e também se fortalecer. A universidade e os cursos de jornalismo também podem aprender muito com essas experiências que vêm sendo feitas *nas ruas e nas redes*, vide disciplinas, projetos experimentais, laboratórios e estágios realizados em conjunto entre os grupos e as citadas universidades UFPE, Unicap, UFBA, Unijorge, Unime, Uneb, Uesb, UFRB.

Além disso, em todos os casos, o acesso à universidade parece ter sido crucial para que esses trabalhadores se identificassem como jornalistas e que definissem a produção

³ Nesse sentido, uma experiência de sucesso é a Cooperativa de Jornalistas e Gráficos do Estado de Alagoas (JorGraf), em que trabalhadores adquiriram a massa falida do Jornal Tribuna de Alagoas e, em regime cooperativo, fundaram o Jornal Tribuna Independente, em circulação já há 14 anos. Hoje, conta com mais de 50 cooperados, entre jornalistas, gráficos e outros técnicos. Sobre isso, ver: GROHMANN, Rafael. Cooperativismo de plataforma e suas contradições: análise de iniciativas da área de comunicação no Platform.Coop. **Liinc em Revista**. V. 14, n. 1, 2018.

⁴ No Brasil, estudos sobre cooperativismo de plataformas digitais vêm sendo desenvolvidos pelo Prof. Dr. Rafael Grohman, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), a partir do Laboratório de Pesquisa Digilabour. Sobre isso, ver: <https://digilabour.com.br/> Acesso em 21 de janeiro de 2021.

que fazem nos meios digitais como jornalismo. Para isso, políticas públicas de ascensão para o Ensino Superior, como o ProUni, demonstraram ser pontos de virada na história de vida de pelo menos um dos entrevistados dos grupos que revelou que, sem esse acesso, não teria cursado nível universitário, segundo seu depoimento.

Ainda em relação às universidades, o discurso dos entrevistados evidenciou que, na maioria das vezes, o conhecimento técnico e as habilidades apreendidas para ser um jornalista inovador/empreendedor não foi contemplado pela grade curricular dos cursos de jornalismo – sejam nas universidades públicas ou privadas, o que pode evidenciar a importância de se revisar os currículos dos cursos, uma vez que a formação universitária visa formar para a vida e para o mundo do trabalho.

Outro ponto positivo apresentado na fala dos entrevistados foi o crescimento, entre 2002 e 2014, do número de universidades públicas e de novos *campi* de universidades já existentes, garantindo, no que diz respeito à formação em comunicação, a interiorização e a criação de novos cursos e, assim, proporcionando a formação de novos profissionais que possam atuar também mais diretamente em seus territórios, além de gerar novos postos de trabalho na área.

Este foi o caso, apontado por dois informantes a respeito da chegada do curso de Rádio e TV em Feira de Santana, que acabou por atender a demandas do próprio movimento de comunicação local, muito forte na atuação com rádios comunitárias. E também foi o caso da chegada do curso de Jornalismo e outros cursos de comunicação com a criação da Uesb em Vitória da Conquista que proporcionou, inclusive, a formação acadêmica dos jornalistas fundadores da Revista Gambiarra, além de parcerias deste grupo com a própria universidade, *a posteriori*.

Assim, a relação entre as universidades e os grupos jornalísticos revela *tensões* (*precariedade* na formação dos jornalistas; *precariedade* nas relações de trabalho com os estagiários), mas também acesso para formação, através de políticas públicas, além de possibilidades de experimentação e de retroalimentação dos conhecimentos.

Articulação em rede e o papel das ONGs:

Foi possível perceber maiores características de jornalismo colaborativo e em rede nos grupos que se organizam de uma forma mais livre e orgânica, como o Portal Itéia e a Revista Outros Críticos. E é interessante ressaltar que ambos são grupos criados por não-jornalistas de formação.

Ambos os grupos também foram os únicos a demonstrarem preocupação em realizar um trabalho que represente *produção de memória*. Este é o caso do acervo/biblioteca digital do Itéia e o caso da produção impressa da Revista Outros Críticos, cujo informante afirma ser o impresso como *permanência* e de *mais valia* em relação ao digital, além de trazer, em seu relato, a dimensão do afeto no cuidado e armazenamento dos materiais impressos.

Outro achado de pesquisa foi o do papel das organizações não-governamentais para estimular a criação desses grupos, por meio de oficinas de formação; fortalecê-los a partir de projetos, parcerias, pesquisas e ações e, muitas vezes, ser um braço jurídico para que o mesmo possa ser viabilizado, caso dos grupos que, produzindo mídia independente de modo *informal* (sem formalização), organizam-se como fundações ou organizações sem fins lucrativos para poder acessar recursos de editais públicos, de empresas e de fundos internacionais, como pessoa jurídica. A relação anterior com ONGs, movimentos sociais e espaços de experimentação nas universidades assim, aparecem como condicionantes do surgimento dos grupos, mas não enquanto estruturantes para sua continuidade.

As ONGs surgidas entre os anos 1970 (caso do Centro de Cultura Luiz Freire, em Olinda-PE) e início dos anos 2000 (Cipó, Auçuba, MOC, Steve Biko, dentre outras entidades baianas, lembradas ao longo das falas dos declarantes), sobretudo as ligadas à luta antirracista, à defesa dos direitos humanos, que atuam/atuavam com educomunicação e na luta pela democratização da comunicação, também parecem ter sido fundamentais como espaço organizativo dos movimentos sociais, proporcionando terreno fértil para o aparecimento de fóruns como o Fórum Nacional de Democratização da Comunicação (FNDC) e o Coletivo Intervezes, em nível nacional, e Fórum Pernambucano de Comunicação (Fopecom), em nível estadual, no caso de Pernambuco.

Além disso, tais ONGs demonstraram ser importantes articuladoras de ações que permitiram o surgimento e o fortalecimento de grupos como o próprio Instituto de Mídia Étnica (IME), que ancora as ações do Portal Correio Nagô. Como fiscalizadoras de políticas públicas, essas ONGs também contribuíram para que a sociedade civil alcançasse espaço de participação em grupos de trabalho (GTs) e conselhos de comunicação social – caso do Conselho Gestor da Sociedade Civil, da TV Pernambuco, e do Conselho de Comunicação Social do Governo da Bahia.

Vale ressaltar que o fato de tanto o Portal Iteia quanto a Revista Outros Críticos não contarem com a contribuição de estagiários em suas práticas diz muito a respeito da natureza do grupo. Ambos são sites colaborativos, cuja razão de existir é possível a partir de muitos autores, dessa *pluralidade de vozes*.

No caso da Outros Críticos, por exemplo, o informante enfatiza essa não-hierarquia no escoamento de conteúdos. Embora muitas das contribuições sejam de autores, acadêmicos, jornalistas e artistas convidados – especialmente, em relação às revistas impressas e livros –, recebem muito material por e-mail para publicar no site. E publicam. Isso não significa que não há critérios editoriais de seleção dessas produções. Mas tudo é gerido de forma mais orgânica. Tanto em um, quanto em outro grupo. Estariam, em ambos, os sentidos de um jornalismo, de fato, feito em rede, como aponta informante da Revista Outros Críticos:

Eu, nessa minha trajetória, criei um hábito: todos os dias, há muito tempo, tinha um acesso online aos jornais. Há dez anos, todos os dias, eu abro os três jornais daqui e passo e vejo os segundos cadernos⁵, leio algumas coisas, mas todos os dias eu vejo tudo o que é publicado nos segundos cadernos. Todas as páginas, eu vi, nos últimos dez anos. É um tempo gigante. Algumas coisas eu leio, outras, a maioria, não. Mas botei o olho em tudo o que foi lançado. O que aconteceu com Outros Críticos? Se você abrir uma de nossas revistas, vai ver lá: tanto o estagiário que está lá na redação, nesses grandes jornais, quanto o professor da pós-graduação da comunicação. *A gente não faz diferença. A gente quer é gente contando história, gente escrevendo, gente refletindo (depoimento extraído de entrevista concedida à pesquisadora em 13 de abril de 2019, grifos nossos).*

O Portal Iteia foi o único dos grupos estudados que apontou de forma espontânea, em seu discurso, a sua autocompreensão enquanto grupo produtivo local: “Iteia é uma rede autogestionária, ninguém é chefe de ninguém, nem no Intercidadania, não temos diretoria, presidência, vice-presidência. Por uma mera formalidade, somos uma oscip” (depoimento extraído de entrevista concedida à pesquisadora em 20 de janeiro de 2019).

De acordo com informante do grupo jornalístico citado:

O Iteia foi contratado dentro da Produtora Colaborativa PE. *É um grupo produtivo local de pontos de cultura, um dos pontos de cultura que integra esse grupo é o Iteia.* Então, o Intercidadania foi contratado através do Iteia, *através desse grupo, assinamos um contrato com uma ONG de Nova Canaã*, aqui na Bahia, para fazer cobertura audiovisual, edição de vídeo, registro fotográfico... Então, esse dinheiro entrou, pagou pessoas que são da equipe, gerou conteúdo pro Iteia, divulgação, formou novos usuários nessas cidades... Como é que o Iteia acontece? Acontece através de prestação de serviço, de *crowdfunding*, apoio, organizações parceiras, trabalhos voluntários. Tudo isso está envolvido para a gente estar há dez anos, como a gente está hoje. O Iteia foi lançado em 2007, a gente está em 2019. Tem 12 anos que o projeto está no ar.

⁵ Cadernos de cultura nos jornais impressos (PIZA, 2003).

Sim, o que fazemos é jornalismo, é um trabalho de curadoria, de produção autoral, principalmente de conteúdo multimídia, têm muitas fotos e vídeos que foram publicados por integrantes do Iteia mesmo. A gente tem uma coisa muito forte: Iteia não é um site como o YouTube, que a gente publica conteúdo de qualquer pessoa. Você não vai chegar lá e subir uma música de Roberto Carlos. Se Roberto Carlos não te autorizou a subir esse conteúdo, você pode ser processado. Roberto Carlos tem, pelo direito autoral brasileiro, toda a liberdade de te processar. Porque você não tem autorização de subir a música de Roberto Carlos. Então, no termo de uso do Iteia diz assim: “O Iteia, o Instituto Intercidadania, no CNPJ tal, não se responsabiliza por nenhum conteúdo publicado em nosso servidor” (depoimentos extraídos de entrevista concedida à pesquisadora em 20 de janeiro de 2019, grifos nossos).

Aproximações das experiências com o campo do desenvolvimento local

Em linhas gerais, pode-se explicar o desenvolvimento local como um processo no qual a comunidade identifica e reconhece os seus potenciais endógenos e utiliza os recursos humanos e materiais locais para produção, articulando parcerias públicas e privadas e promovendo ações educativas e inclusivas que permitam a participação dos seus próprios membros em diversos níveis, independentemente de gênero e idade (BUARQUE, 1999; JARA, 2001; TAUKE SANTOS, 2002).

Além disso, de acordo com os mesmos autores, as ações realizadas em processos de desenvolvimento local devem considerar, ainda, a sustentabilidade em longo prazo, o que significa dizer que esta não é só pensada num nível econômico, mas também sob o ponto de vista da preservação dos recursos ambientais, do repasse de conhecimentos técnicos de geração em geração e da conservação de valores locais (REIS, 2018).

Em linhas gerais, observa-se que fatores de desenvolvimento local em muitos dos novos grupos jornalísticos de base comunitária, especialmente, aqueles que se encontram nas periferias dos grandes centros urbanos, pautando-se no cotidiano que está *à margem* do acontece nas metrópoles, usando de recursos escassos, muitas vezes mesmo *improvisados*, e utilizando-se de inovação e criatividade para os modos de produzir comunicação e jornalismo.

Também é interessante ressaltar que tanto no discurso trazido pela Revista Outros Críticos quanto no trazido pelo Portal Iteia – experiências que, em nosso entendimento, trouxeram mais fortemente os requisitos de colaboração e senso de redes – aparece a dimensão *da produção de uma memória do que é feito*. Isso tanto apareceu no planejamento de seus produtos – caso da revista impressa dos Outros Críticos – como na concepção da estrutura do grupo em si, caso do Portal Iteia. no entendimento do portal

O informante do Portal Iteia, traz o entendimento do seu grupo como um inventário das mais diversas produções elaboradas pelos coletivos de cultura, em especial, dos pontos de cultura, responsáveis ainda hoje por cerca de 40% do total das publicações. Em suas palavras, o Iteia:

Serve de memória, de banco de dados, *de acervo multimídia do que um dia foi e não é mais. É uma forma de manter vivo também*, porque, lá na frente, podem se dar conta de que estamos andando na direção errada (**depoimento extraído de entrevista concedida à pesquisadora em 20 de janeiro de 2019, grifos nossos**).

O informante da Revista Outros Críticos apresenta essa inquietação sobre a finitude dos processos e a importância de registrar e sistematizar o trabalho realizado ao falar sobre o livro publicado por ocasião da edição comemorativa de dez anos da revista:

A gente reuniu textos representativos dos dez anos do Outros Críticos, então tem coisa do blog e do site e tem alguns textos, mas poucos, das revistas (*impressas*). Como a revista tem o formato impresso, a gente focou em outros textos. Coisas mais do site. *Como o site um dia vai cair, vai sumir, a gente confia mais no impresso, tenta sempre trabalhar o impresso*. A gente tem uma visão: muito do que está na internet vai ficar para sempre. *O impresso dura mais do que o da internet, na visão da gente*.

Vai ter uma hora que eu vou morrer, Fernanda vai morrer e pode ser que não tenha ninguém que se interesse por Outros Críticos... o site vai cair, ninguém vai pagar provedor, ou mesmo a gente não queira continuar a pagar o provedor, aí o site uma hora vai cair, todo o conteúdo que está lá vai cair. Então, a gente teve a ideia de pegar o que a gente acha mais representativo e colocar no impresso (**depoimentos extraídos de entrevista concedida à pesquisadora em 13 de abril de 2019, grifos nossos**).

A importância de produzir uma memória física, para o entrevistado, também tem a ver com uma questão de afeto:

A gente sempre se preocupou com o formato impresso, tanto a questão de qualidade, quanto *uma questão meio de afeto. A pessoa pegar aquele objeto, tem meio que uma afeição sobre ele. Na internet, é uma coisa mais passageira*. A gente tenta usar os dois. O que a internet pode nos dar, a gente usou muito. E no impresso, a gente usa outras coisas. Aí tenta fazer com que essas coisas se casem. *A gente tenta trabalhar esses dois lugares. Tem uma memória física que a gente gosta de ter* (**depoimento extraído de entrevista concedida à pesquisadora em 13 de abril de 2019, grifos nossos**).

Conclusões:

Conclui-se que, direta ou indiretamente, as organizações não-governamentais proporcionaram que os novos grupos pudessem hoje ocupar grades de programação da radiodifusão pública e ser apoiados em projetos culturais por fomentos como o Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura (Funcultura), fundamentais na sustentabilidade de seu trabalho dos novos grupos. Em Pernambuco, por exemplo, verificamos que todos os grupos estudados acessam tal fomento como forma de sustentação financeira. A política pública dos pontos de cultura e as premiações de Ponto de Mídia Livre, em nível nacional, aparecem também nos discursos dos entrevistados como parte importante de suas trajetórias, para além do fomento – como um reconhecimento da relevância do trabalho por eles realizados.

Também constatamos que, além de se retroalimentar num movimento que envolve outros grupos, setor público (especialmente como fomento), ONGs, escolas e universidades, esses grupos estão em constante transformação. No caso dos *novos* grupos aqui estudados, são experiências exitosas e consideradas inovadoras mesmo em circulação há mais de dez anos, maioria dos casos de nossa pesquisa. O êxito pode estar, justamente, na capacidade da *reinvenção* ao longo do tempo: ora blog, depois site, produtora ou ONG, reorganizando-se de formas criativas para se manter vivo ao longo do tempo – e acompanhando as necessidades do seu tempo, no que diz respeito ao trabalho com comunicação e jornalismo cultural.

De toda forma, o que acreditamos é que, para se pensar o futuro do trabalho do jornalista é preciso se olhar para frente, guiando-se pelos passos dos que vieram antes. Se o trabalho do jornalista mudou, o que podemos aprender com as experiências de outros coletivos e grupos de trabalhadores, mesmo de não-jornalistas, e que podemos aplicar em nossas práticas? O que nos ensinam as experiências de outros agrupamentos de mídia independente que sempre existiram no Brasil, mesmo desde antes da imprensa oficial – produzindo conteúdo jornalístico a despeito de ciclos históricos democráticos ou autoritários?

Mais do que técnicas e tecnologias – que *caducam*, *enferrujam* e precisam ser trocadas ao longo do tempo – o que os resultados da pesquisa nos indicam é que a principal mudança a ser feita talvez seja nos modos de se *relacionar* com os outros – sejam seus pares, seus parceiros, suas equipes ou seus públicos.

A percepção de que também tais agrupamentos do trabalho do jornalista podem ser entendidos como trocas solidárias, experiências de rede, trabalho colaborativo – não necessariamente remunerado – se afina com o entendimento de autores que trabalham na perspectiva do desenvolvimento local. Tais estudiosos apontam em geral para a articulação de redes sociais como chave para promover o bem-estar das comunidades e para se construir possibilidades de desenvolvimento.

Para esses pesquisadores, a articulação em rede torna-se um elemento imprescindível para a formação cidadã de determinada população, uma vez que é pressuposta uma relação horizontal, de troca. E essa possibilidade é articulada por tais grupos em seus territórios, organizando-se da melhor forma possível para continuar existindo, produzindo e se reinventando.

Referências:

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BUARQUE, S. C. **Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável**. Material para orientação técnica e treinamento de multiplicadores e técnicos em planejamento local e municipal. Brasília, DF: IICA, 1999.

FIGARO, R. **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às grandes corporações de mídia**. São Paulo: CPCT, 2018.

GROHMANN, R. Cooperativismo de plataforma e suas contradições: análise de iniciativas da área de comunicação no Platform.Coop. **Liinc em Revista**. V. 14, n. 1, 2018.

JARA, C. J. **As dimensões intangíveis do desenvolvimento sustentável**. São Luís: IICA, 2001.

MORETZSOHN, S. **Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano, do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

PAIVA, R. **O Espírito Comum: comunidade, mídia e globalismo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

PIZA, D. **Jornalismo Cultural**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

REIS, M. F. **Comunicação, Cultura e Mobilização Comunitária**. Curitiba: Appris, 2018.

TAUK SANTOS, M.S. **Comunicação Rural**: do difusionismo Tecnológico ao Desenvolvimento Local. Recife: Prorenda Rural, Coletânea de Palestras, 2002.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**: Porque as notícias são como são. Volume 1. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Florianópolis: Insular, 2016.